

# ESCREVER ENTRE AS LÍNGUAS: TRADUÇÃO E GÊNERO EM NANCY HUSTON<sup>1</sup>



Jane Elisabeth WILHELM\*

Traduzido por:

Pâmela Berton COSTA\*\*

Universidade Estadual Paulista ‘Júlio de Mesquita Filho’

Maria Angélica DEÂNGELI\*\*\*

Universidade Estadual Paulista ‘Júlio de Mesquita Filho’

**Resumo:** O entre duas línguas da auto-tradução em Nancy Huston subverte as relações hierárquicas entre o original e a tradução, ou a oposição entre língua materna e língua estrangeira, e nos convida assim a nos interrogarmos sobre nossas práticas e representações de escrita e de tradução. Buscamos compreender em que medida a escrita entre o francês e o inglês de Nancy Huston questiona não somente as categorias tradicionais de tradução, mas também o gênero como construção social. A história da tradução é atravessada por metáforas sexistas ou de natureza sexual, como “belas infiéis”, que refletem o papel inferior da tradução, associada ao feminino, em contraste ao original, identificado como masculino. Também a questão da infidelidade, ilustrada pela máxima *traduttore traditore*, é refutada por Nancy Huston tanto em sua prática de auto-tradução como no texto intitulado *Traduttore non è traditore*, publicado na coletânea *Pour une littérature-monde*. Ela retoma, em seus textos, o tema da maternidade e à dicotomia homem-espírito/mulher-corpo. Nota-se tanto uma certa ansiedade relacionada à língua materna e ao corpo em sua ficção, quanto um questionamento relacionado à máscara e às identidades múltiplas. O exílio, esse “sentimento de estar dentro/fora”, para Nancy Huston, abre a questão da identidade pessoal e das identidades múltiplas (linguística, sexual, nacional ou política), de tal maneira que a identidade dos autores e tradutores pode igualmente se embaralhar e se confundir. Em busca de sentido, autores e leitores são engajados em um trabalho infinito de tradução, de tal modo que é toda a experiência humana que se inscreveria nos termos de um paradigma da tradução.

**Palavras-chave:** Auto-tradução. Gênero. Nancy Huston.

**Abstract:** Nancy Huston's crossover between languages, put into practice as self-translation, subverts the hierarchical distinction between “original” and “translation” or the opposition between mother tongue and foreign/other tongue. Her writing in translation thus challenges the practice and dominant understanding of both translation and writing. This article examines how the crossover between French and English as a language strategy calls into question not only the conventional notions of translation but also gender as a socio-cultural construction. The use of sexist or sexual metaphors, such as “les belles infidèles”, throughout the history of translation reflects the view that translation is derivative and feminine, as opposed to the original text presented in masculine terms. The issue of infidelity, represented by the adage *traduttore traditore*, is questioned by Nancy Huston both in her practice of self-translation and in a work entitled “*Traduttore non è traditore*”, published in *Pour une littérature-monde*. She explores the theme of maternity and the dichotomy man-mind/woman-body in her writing, and there is a certain anxiety associated with the mother tongue and the body in her fiction. Other recurrent themes are masks and multiple identities. The experience of exile leads to the question of personal identity, as well as multiple identities (linguistic, sexual, national or political), so that the self-identity of authors and translators may likewise merge or be juxtaposed. In search of meaning, authors and readers find themselves engaged in an endless task of translation so that, ultimately, it would appear that it is all of human existence that can be described in terms of a paradigm of translation.

**Keywords:** Self-translation. Genre. Nancy Huston.

## Writing between languages: translation and genre in Nancy Huston

### 1. Introdução

A língua, para Nancy Huston, como para outras mulheres escritoras e tradutoras em um contexto cultural em que se sentem estrangeiras, aparece como o lugar privilegiado de uma invenção de si e de uma negociação das relações de poder entre os sexos. Assim, o ensaio autobiográfico *Journal de la création*, em que a autora revisita a vida de casais de artistas famosos e certos mitos, entre os quais o de Pigmalião, é uma reflexão performativa sobre as condições de possibilidade de uma relação feminina com a escrita. Além disso, a experimentação linguística da auto-tradução nos dois sentidos, em Nancy Huston, subverte as relações de dependência hierárquica entre o original e a tradução, ou a oposição entre língua materna e língua estrangeira, e nos convida assim a nos interrogarmos sobre nossas práticas e representações de escrita e de tradução.

200

Neste artigo, buscaremos compreender em que medida a escrita entre o francês e o inglês de Nancy Huston questiona não somente as categorias tradicionais de tradução, esta última normalmente subordinada ao princípio da originalidade, mas também o gênero como construção social. A tradução, como se sabe, foi frequentemente relegada a um papel inferior ou subalterno em relação ao original, associada ao feminino, em que a autoridade do escritor é tradicionalmente identificada com o princípio masculino. Ao longo da história, muitas mulheres escritoras, sem poder exprimir suas competências nem comprovar sua autoridade enquanto criadoras, se entregaram assim a uma atividade de tradução.

Sherry Simon, em *Gender in Translation*, observa que a história da tradução é atravessada por metáforas sexistas (ou de natureza sexual) que descrevem a tradução, incluindo a descrição do ato de traduzir feita por George Steiner em *After Babel* (SIMON, 1996, p. 9-10).<sup>2</sup> Dessa forma, a expressão “as belas infiéis”, atribuída ao gramático francês Gilles Ménage (1630-1692), supõe que as traduções, como as mulheres, são ou belas ou fieis. A riqueza excepcional da expressão, como assinala Lori Chamberlain, ilustra a cumplicidade cultural existente entre a questão da fidelidade em tradução e o casamento: “Nas belas infiéis, fidelidade é definida por um contrato implícito entre tradução (a mulher) e original (o marido, o pai ou o autor)” (CHAMBERLAIN, 2004 [2000], p. 307).<sup>3</sup> A verdadeira problemática por trás dessas questões aparentemente de ordem estética, representadas em termos de sexo, família ou Estado, é a questão das relações de poder instauradas segundo o gênero:

---

WILHELM, COSTA, DEÂNGELI. *Escrever entre as línguas: tradução e gênero em Nancy Huston. Belas Infiéis*, v. 6, n. 2, p. 199-217, 2017.

A codificação da produção e reprodução marca a primeira como uma atividade mais valiosa em referência à divisão do trabalho estabelecida pelo mercado, que privilegia a atividade masculina e paga de acordo. A transformação da tradução de uma atividade reprodutiva em produtiva, de um trabalho secundário em um trabalho original, indica a codificação dos direitos da tradução como direitos de propriedade – sinal de bens, sinal de poder. Eu argumentaria ainda que o motivo pelo qual a tradução é tão supercodificada, superregulamentada, é porque ameaça apagar a diferença entre produção e reprodução, que é essencial para a manutenção do poder. (Ibidem, p. 314)<sup>4</sup>

As metáforas da tradução, para Lori Chamberlain, refletem questões mais profundas da cultura ocidental, em particular, uma certa ansiedade relacionada ao fato de estabelecer e consolidar fronteiras. Sobre este assunto, mencionamos a polêmica iniciada em 1993 pela atribuição do prêmio *Prix du Gouverneur Général du Canada* a Nancy Huston pela auto-tradução *Cantiques des plaines*, na categoria “romances e novelas”. Cinco editoras de Montreal intervieram junto ao Conselho de Artes do Canadá pedindo a anulação da decisão do júri em razão da natureza do texto, pertencente apenas, aos olhos delas, à categoria “tradução”. Em resposta às acusações de “albertana excomungada”, “anomalia territorial” ou “inglesa recalcitrante” que “renegou sua língua materna para adotar o francês”, Nancy Huston apresentou a auto-tradução de seu romance como uma reescrita ou uma recriação. (HUSTON, 1995, p. 264, e KLEIN-LATAUD, 1996, p. 216 e 222).

201

A tradutora Susanne de Lotbinière-Harwood retoma a expressão “belas infiéis” em *Rebelle et infidèle* ou *The Body Bilingual* para descrever a posição subversiva que ela adota ao traduzir no feminino e ao se “tornar sujeito-mulher da atividade tradutora”, pois, diz ela, “diante da linguagem, a mulher se encontra no mesmo nível de inferioridade, até mesmo de ilegitimidade, que a tradução diante da obra original”. Ela “se re-bela igualmente contra a passividade e a subordinação do corpo traduzinte, posturas atribuídas tanto às traduções, quanto às mulheres” (de LOTBINIÈRE-HARWOOD, 1991, p. 21-22). As re-belas contemporâneas seriam, assim, infiéis não à obra original, como no século XVII, mas à lei da linguagem patriarcal e às suas proibições. O feminismo conduziria, segundo ela, à prática da tradução como “ato de fala político” e ao seu reconhecimento como atividade criativa, uma prática que não seria, portanto, inteiramente submissa à obra original ou ao seu autor. A exemplo de Lori Chamberlain, a tradutora afirma que “toca-se aqui nas relações de força entre a produção e a re-produção” (Idem, p. 22). Por sua vez, Rada Iveković, analisando os laços entre a tradução, a linguagem, o corpo e o poder, sugere que a tradução “seria, então, uma resistência vital (pela expressão crítica *diferencial* das diferenças) às linhas hegemônicas de

imposição *do* sentido (de um sentido) da mesma forma que o veículo de um possível poder” (IVEKOVIĆ, 2002, p. 121, em itálico no texto).

202 Antes de examinar mais detalhadamente a questão da auto-tradução em Nancy Huston de acordo com a questão de gênero, é importante lembrar que a autora aderiu à causa do Movimento de Libertação das Mulheres (MLF) na França e participou da criação da revista *Sorcières*. Ela se envolveu, portanto, concretamente em causas femininas e escreveu seus primeiros textos para periódicos femininos. Depois de passar muito tempo lendo Marx e Althusser, ela explica em uma entrevista concedida à revista *Lire*, em março de 2001, que “foi a causa feminina que me trouxe de volta à escrita” (HUSTON *apud* ARGAND, 2001, p. 33). Ela foi também amiga de Annie Leclerc, autora do célebre livro *Palavra de Mulher*, falecida no outono de 2006, e a quem ela homenageia em sua obra *Passions d’Annie Leclerc*. Em 1986, especialmente depois de ter publicado *Mosaïque de la pornographie* e *À l’amour comme à la guerre*, Nancy Huston assina um artigo intitulado *Le féminisme face aux valeurs éternelles* na revista *La vie en rose*. Analisando, segundo suas próprias palavras, “a degradação atual do feminismo na França”, nascido, segundo ela, da esquerda pós-1968 e não do movimento pelos direitos cívicos, como nos Estados Unidos, ela convoca as mulheres a questionar “alguns dos nossos conceitos, como *fronte* e *inimigo*, emprestados das lutas masculinas que sempre excluíram as mulheres (e muitos homens também)” (HUSTON, 1986b, p. 30, em itálico no texto). Tendo em vista esse engajamento militante e um pensamento feminista reivindicado abertamente, a prática da escrita romanesca e da auto-tradução, em Nancy Huston, convida a uma leitura dita “de gênero”, ainda que, como ela mesma afirma, seja muito importante, principalmente no domínio da ficção, “jamais estar em militância quando escrevemos” (HUSTON *apud* ARGAND, 2001, p. 32).

## 2. *Traduttore non è traditore*

A palavra “fidelidade”, no contexto da tradução, lembra Lori Chamberlain, pode variar de acordo com o papel que lhe é atribuído em uma conjuntura estética ou cultural mais vasta (CHAMBERLAIN, 2004 [2000], p. 311). A questão da infidelidade, ilustrada pela máxima *traduttore traditore*, também é refutada por Nancy Huston tanto em sua prática de auto-tradução como em um texto intitulado *Traduttore non è traditore*, publicado na coletânea *Pour une littérature-monde*, que reúne textos de diversos escritores, como Tahar Ben Jelloun, Maryse Condé, Édouard Glissant, Dany Laferrière, Jean Rouaud e Wajdi Mouawad

(HUSTON, 2007, p. 151-160). Como a tradução não ocupa mais papel secundário, na medida em que é reveladora da verdade, Nancy Huston, nesse ensaio em que inverte os termos, se apropria da ideia expressa pela filosofia alemã de que traduzir não é uma simples transferência, mas a inscrição em uma outra relação com o mundo ou uma *Weltanschauung*. A tradição alemã, representada por Heidegger ou Hans-Georg Gadamer, propõe que a tradução é uma outra compreensão ou interpretação do mundo e é, assim, “verdade”, “revelação”. A língua alemã não comportaria a relação entre tradução e traição (*Verrat*) sugerida pelo italiano e famosa na célebre frase *traduttore traditore* (CASSIN [ed.], 2004, p. 1317). É por isso que Nancy Huston escreve em *Nord perdu*: “o problema, vejam, é que as línguas não são apenas línguas, são também *world views*, ou seja, maneiras de ver e compreender o mundo. Há algo de intraduzível nisso...” (HUSTON, 1999, p. 51, em itálico no texto). Em relação ao duplo da auto-tradução, ela escreve: “O problema, é claro, é que línguas não são apenas línguas. São visões de mundo – e, portanto, em grande medida, intraduzíveis” (HUSTON, 2003, p. 66-67).<sup>5</sup>

Assim, “trair” é uma adaptação do latim *tradere*, que significa “transmitir, entregar”, e, em francês, o verbo significa também “revelar” (CASSIN [ed.], 2004, p. 1317). O escritor, afirma Nancy Huston, “escreve para *expandir* o mundo, eliminar suas fronteiras. Escreve para que o mundo seja duplicado, arejado, irrigado, questionado, iluminado por um *outro* mundo que o torne habitável. Ao fazê-lo, o escritor traduz. Não é algo fácil. Fazemos o que podemos” (HUSTON, 2007, p. 153-154, em itálico no texto). Nesse ensaio, em que se refere a Samuel Beckett e a Romain Gary, ela relata que, quinze anos depois de suas primeiras publicações em francês, voltou pontualmente ao inglês e, tendo percebido que isso lhe permitia melhorar seus textos, começou a praticar a auto-tradução nos dois sentidos. Ela evoca novamente Romain Gary, dividido entre o francês e o inglês, assim como ela, em entrevista à revista *Lire* em março de 2001, em que trata, em particular, da fidelidade na tradução: “mas, ao contrário de Gary, que fazia duas versões diferentes para dois públicos diferentes, faço questão que meu texto seja rigorosamente o mesmo nas duas línguas” (HUSTON apud ARGAND, 2001, p. 32). Comparando as versões em inglês e em francês de *Plainsong* e *Cantique des plaines*, Christine Klein-Lataud constata, aliás, que elas “são exatamente paralelas”. Os dois romances, afirma, só se diferenciam “pelo efeito da heterogeneidade de nomes próprios e referências”, no entanto, a diferença mais sensível é a dos registros, o texto em francês baseando-se frequentemente em um nível coloquial ou

popular em comparação com o inglês padrão (KLEIN-LATAUD, 1996, p. 223-224). Em “*Traduttore non è traditore*”, Nancy Huston explica que seu romance *Instruments des ténèbres*, publicado em 1996, foi redigido metade em inglês e metade em francês, ignorando, como ela diz, as “etiquetas” e os prêmios literários:

Azar dos que não leem mais que a superfície de um romance e não sabem se deixar desordenar, invadir, ocupar e transformar por ele. Não é a essas pessoas que me dirijo, mas aos leitores verdadeiros, seja dessa primeira tradução, que é a versão original, da tradução subsequente de uma de minhas línguas para a outra, ou da tradução de um terceiro a uma outra língua ainda, em que não posso controlar as perdas e os ganhos. *Traduzir*, é isso que é preciso: *Traduttore non è traditore*, é essa a única maneira de não trair, não há nada de verdadeiro além disso. Traduzir, eternamente traduzir (HUSTON, 2007, p. 157-158, em itálico no texto).

204

A versão original de *Limbes/Limbo: un hommage à Samuel Beckett*, que não foi publicada, exemplifica ao extremo o entre-duas-línguas da escrita de Nancy Huston (WILHELM, 2006, p. 73). Há certas alusões à tradução do gênero nesse monólogo, o masculino, em francês, como todos sabem, é o gênero não marcado e pode, desse modo, designar indiferentemente os homens e as mulheres. O uso da gramática francesa, à semelhança da sociedade, consagra o masculino e o apresenta como princípio universal, o feminino é o gênero marcado. Em francês, a marca do feminino é excludente, o termo marcado, afetado por uma limitação. Uma leitura feminista ou “de gênero” permite então mostrar e articular as realidades ocultas nas ou pelas palavras, como sugere o narrador ou a narradora de *Limbes/Limbo*: “a língua é fascista, ela obriga a dizer. A dizer, por exemplo, o sexo (*Oh!*). O tempo (*péssimo!*). O presente, tão rápido passado.” Na versão inglesa, em espelho, a escritora brinca com as palavras e seu duplo sentido: “*A língua é fascista: nos obriga a especificar. O sexo (Oh!). O tempo [tense]. O presente é muito tenso [tense]*” (HUSTON, 1998, p. 34-35, em itálico no texto).<sup>6</sup> Esse exemplo, ilustrando um jogo de palavras em cada língua, nos convida a ler o duplo monólogo em francês e em inglês em paralelo. *Limbes/Limbo* propõe igualmente um exemplo de inclusão do feminino na versão francesa. Em inglês, lemos: “*Aqui vamos nós outra vez – do alto de nosso cavalo! Marchando adiante triunfantemente, trompetes e tambores, prostitutas e seus protetores, glória ofuscante! Todos os cavalos do rei e todos os homens do rei, e então e então adiante, para sempre, amém*”.<sup>7</sup> A versão francesa tem um toque de humor ao lembrar a realidade e a existência das mulheres: “E então, recomeçando: em cima de seus grandes cavalos! E em frente, taratata, marcha triunfal, trompetes e tambores, tapetes e trilhas, a glória

resplandecente, aos grandes homens a pátria reconhece, sem esquecer as pequenas mulheres, naturalmente, e batati, e batatê, e batata simplesmente, amém” (Ibidem, p. 34-35, em itálico no texto).<sup>8</sup>

Como em sua prática de auto-tradução, Nancy Huston gosta de inverter, na desigualdade em nível temático, os termos de diferentes relações de poder: se a tradução se confunde com o original (este último “autorizado”, ou seja, admitido na qualidade de autor), é o escritor que traduz, diz ela no ensaio da coletânea sobre a literatura-mundo. Ela se apropria igualmente, nesse ensaio, da ideia de Marina Tsvetaeva de que toda escrita literária é uma forma de tradução da língua materna em uma outra, citando uma carta desta última a Rainer Maria Rilke datada de 6 de julho de 1926, na qual Marina Tsvetaeva declara que “nenhuma língua é materna” (HUSTON, 2007, p. 151). Em *Journal de la création*, Nancy Huston inverte também os termos do *cogito, ergo sum* (“penso, logo existo”) de Descartes, que inaugura a reflexão filosófica sobre a questão do sujeito da verdade ou do conhecimento. Considerando que o número de grandes artistas ou filósofos é muito restrito, ela se declara assim contra a evicção das mulheres dos “lugares constitutivos da Verdade”, para retomar a expressão de Françoise Collin a respeito do saber e da criação: “Eu sou (humano), logo penso” (COLLIN, 1999, p. 33, e HUSTON, 1990, p. 178).

205

### 3. Criação e procriação

Se a palavra gênero remete ao componente cultural e ao caráter fundamentalmente social das distinções fundadas sobre o sexo, é igualmente um filtro de leitura, uma maneira de pensar o mundo e a relação com o poder pelo prisma da diferença dos sexos (SCOTT, 1988). A literatura apresenta também a vantagem de participar dessa construção histórica e cultural e de libertar ao mesmo tempo a representação. A literatura, lembra Jean Starobinski, é uma das interpretações que os homens e as mulheres elaboram sobre sua condição (STAROBINSKI, 1974, p. 4). Assim, em *Journal de la création*, escrito durante sua segunda gravidez, Nancy Huston se propõe a refletir sobre os elos entre o espírito e o corpo, entre a criação (ou a arte) e a procriação, a atividade criadora tendo sido atribuída aos homens e o parto, às mulheres. Ainda que “inventar e costurar histórias, viver e imaginar aventuras”, ou seja, a particularidade da literatura, um domínio tradicionalmente masculino, se tornem mais acessíveis às mulheres, não é, entretanto, suficiente, ela diz, para permitir que uma mulher aspire ao estatuto de “criadora” (<http://www.peripheries.net/article254.html>, p. 4). Nesse

ensaio, em que descreve a vida de muitas mulheres artistas, como Sylvia Plath, e as dificuldades que elas enfrentaram para fazer com que suas vozes fossem ouvidas sob um regime patriarcal que lhes privou de seu espírito e de sua alma, a questão da autoridade e da criação ligada ao gênero é central:

As mulheres, mesmo que desejem ardentemente se tornarem autoras, são menos convencidas de seu direito e de sua capacidade de fazê-lo. Pela simples razão de que, em todas as histórias que falam da criação, elas não estão do lado do *auctor* (autor/autoridade), mas do lado da *mater* (mãe/matéria) (HUSTON, 1990, p. 29, em itálico no texto).

Quando as mulheres são obrigadas a expressar sua visão criadora nos termos da hegemonia cultural dominante e das instituições patriarcais, afirma Nancy Huston, elas não podem ascender plenamente ao estatuto de “criador” ou de “criadora”. Elas podem então se voltar contra aquilo que na cultura ocidental as define, ou seja, seu próprio corpo. Rada Ivekovic reconhece também a ligação entre a linguagem e o corpo e, conseqüentemente, entre a tradução e o corpo:

206

Desde ao menos Foucault, mas também graças aos antropólogos e psicanalistas, sabe-se então que *se trata do corpo* em última análise. Pelo viés de outras abordagens disciplinares e indisciplinadas, tais como a teoria feminista, os estudos pós-coloniais, etc., sabe-se igualmente que aquilo que não pode ser articulado ou entendido na linguagem convencional vem também do outro, do subalterno, da experiência da repressão vivida. O limite da linguagem é ainda o corpo. Tudo isso para dizer que a tradução engaja o corpo (IVEKOVIC, 2002, p. 122, em itálico no texto).

Uma das saídas possíveis para as mulheres é a loucura, como no caso de Zelda Fitzgerald, que manifestou sinais de esquizofrenia. Em seu diário, Nancy Huston descreve o “complexo de Electra” e os sintomas que paralisam as mulheres, sintomas que encontra em si mesma e que associa à língua inglesa. Ela nota que durante o período de sua doença psicossomática, sua “queda para além do limite da razão”, de acordo com suas próprias palavras, todas as entradas de seu diário são em inglês (HUSTON, 1990, p. 257 e 283). Ela constata que o processo de cura se dá, em parte, “graças à língua estrangeira, que sabe muito bem lambe[r] [su]as feridas” (Idem, p. 258). No ensaio sobre a literatura-mundo, ela explica que a língua estrangeira (o francês) não ocupa mais em seu cérebro “o mesmo lugar que a ‘materna’” (HUSTON, 2007, p. 156). Quando fala em sua própria língua, a mulher artista, para Nancy Huston, é uma figura dividida, punida pelo pensamento patriarcal em razão dos aspectos maternos que ela encarna, ao mesmo tempo rebelde e vítima de transgressão. No



entanto, quando se exprime em uma outra língua, o material da criação, a língua, a voz, têm qualidades de ternura e de solicitude que se podem associar a uma mãe tranquila e tranquilizadora, ainda que seja uma substituição.

Nancy Huston retoma com insistência em seus diferentes trabalhos o tema da maternidade, afirmando em *Journal de la création*: “o que Simone de Beauvoir não podia saber é que a maternidade não drena, sempre e somente, as forças artísticas. Ela também as dá” (Idem, p. 179). Ela assinou o prefácio e traduziu ainda a obra de Jane Lazarre intitulada em francês *Splendeur (et misères) de la maternité*; escreveu também o prefácio do livro de Anne Enright *Le choc de la maternité*. Nesse prefácio, ela apresenta a ideia de que “a maternidade é o não-pensado de nossas sociedades (concebida, precisamente, como o contrário do pensamento)”, sustentando que nada, nesse sentido, “é mais importante no mundo de hoje que uma palavra (ou melhor, *algumas* palavras) de mulheres e de mães sobre a maternidade” (ENRIGHT, 2008, p. 8-9, em itálico no texto). Nancy Huston retoma aqui a dicotomia presente em todas as histórias de casais analisadas em *Journal de la création*, isto é, homem-espírito/mulher-corpo. Se as metáforas da tradução, como sustenta Lori Chamberlain, revelam uma certa ansiedade em relação aos mitos da paternidade (ou do autor e da autoridade), exprimem também, como ela diz, “uma profunda ambivalência sobre o papel da maternidade – variando desde a condenação das belas infiéis até a adulação conferida à ‘língua mãe’” (CHAMBERLAIN, 2004 [2000], p. 311).<sup>9</sup> Não é de se admirar que Nancy Huston questione certas ideias convencionais sobre o tema da maternidade, a imagem da gravidez e do parto, ligadas a todas as formas de criação, como ressalta Françoise Collin, evocando nesse contexto a figura de Sócrates, o qual definia o filósofo (pensa-se aqui em Descartes) como um “parteiro de espíritos” (COLLIN, 1999, p. 9).

207

#### 4. O exílio da língua materna

Ainda que a auto-tradução permita a Nancy Huston negociar sua situação intercultural no plano literário, o tema da “língua de exílio” atravessa toda sua obra. A expressão é de Julia Kristeva, que analisou a dimensão do feminino em sua relação com o materno: “como vocês podem observar, diz Kristeva num outro momento, eu falo uma língua de exílio. Uma língua de exílio, que reprime um grito, é uma língua que não grita” (HUSTON, 1995, p. 77). Assim como existe uma certa ansiedade relacionada à língua e ao corpo maternos em sua ficção e em seus outros escritos, nota-se um questionamento relacionado à máscara e às identidades

---

WILHELM, COSTA, DEÂNGELI. *Escrever entre as línguas: tradução e gênero em Nancy Huston. Belas Infiéis*, v. 6, n. 2, p. 199-217, 2017.

múltiplas em toda a obra de Nancy Huston. “Na verdade, a identidade é sempre um engodo”, ela escreve a esse respeito, “inclusive a identidade estilística. Mas (quem sai ganhando?) os exilados sabem disso melhor que os outros” (HUSTON, 1999, p. 44). Ela retoma “o arbitrário da questão da identidade” em entrevista à revista *Lire*, em que evoca Romain Gary, esse “irmão” de múltiplas identidades que as encarna em personagens romanescas. É também, afirma, o que ela faz em *Les variations Goldberg*, dizendo “eu” em lugar de cerca de trinta pessoas (ARGAND, 3001, p. 34 e 32). Nancy Huston explora ainda a questão da identidade em *Nord perdu* no capítulo *Les autres soi* (HUSTON, 1999, p. 102-115), celebrando o poder da literatura de expandir os limites do eu: “lendo, deixamos outros seres penetrarem em nós, damos lugar a eles sem dificuldade – porque já os conhecemos. O romance é o que produz esse reconhecimento dos outros em si, e de si nos outros. É o gênero humano por excelência” (Ibidem, p. 107).

Em outra entrevista concedida ao jornal *Le Temps*, por ocasião de um espetáculo infantil intitulado *Mascarade*, no *Petit Théâtre de Lausanne*, uma criação assinada por Nancy Huston e seu filho Sacha, que colocava em cena a questão das mudanças de identidade, ela defende que ser confrontado com outras línguas “permite ter várias identidades, viver outras realidades” (*Le Temps*, 2008, p. 33).

Pascale Sardin tratou da problemática do exílio em Nancy Huston, esse “fantasma que permite escrever” (SARDIN, 2001, p. 9), assim como do triângulo que formam a mãe, a filha e a morte, ou a “nova trindade feminista segundo Nancy Huston” (SARDIN, 2006). Em um artigo dedicado a Samuel Beckett e a Nancy Huston, ela afirma que “a escrita nasce no corpo e na diferença sexual, assim fica mais fácil desfazer-se deles”, e que a prática da auto-tradução “traz à luz o que a escrita carrega em si de extremamente inquietante” (SARDIN, 2007, p. 267).

A referência à psicanálise, nesse contexto, não é infundada. Lembremos que Freud comparou seu próprio trabalho de psicanalista à decodificação de uma tradução, revelando a estranheza escondida na psique humana, estranheza que é reprimida no mais profundo de nosso inconsciente e que o encontro com o desconhecido pode eventualmente revelar. Retomando o vocabulário freudiano em seus escritos sobre tradução, em que ele evoca a “pulsão de traduzir”, Paul Ricoeur aproxima o “trabalho de tradução” do trabalho de memória e de luto evocados por Freud (RICOEUR, 2004, p. 8, 16, 19-20 e 41). Ao citar Husserl, que ele traduziu nos anos 1940, falando do conhecimento do outro, Ricoeur escreve: “há algo de

estrangeiro em qualquer outro” (Ibidem, p. 46). Não apenas o trabalho de tradução é convocado a colocar em prática o encontro do estrangeiro na língua, mas pode ainda nos confrontar com o outro, o estrangeiro, que redescobrimos então em nós mesmos na “estrangeiridade” (para retomar o termo de Nancy Huston) que habita em nós (HUSTON, 1999, p. 37).

Se, segundo Lori Chamberlain, as convenções culturais geralmente concordam em representar os textos traduzidos como de natureza feminina, o mesmo acontece com a linguagem, nossa língua materna, “*our mother tongue*”. A relação do tradutor com essa figura materna, que é a primeira língua, é igualmente tematizada com frequência em termos de fidelidade, como em Friedrich Schleiermacher (CHAMBERLAIN, 2004 [2000], p. 309). Em um artigo intitulado *A Tongue Called Mother*, Nancy Huston se interroga sobre a relação das mulheres escritoras com a língua materna e com a mãe e se pergunta: “aonde vamos, no que diz respeito à origem, para escrever?” (HUSTON, 1995, p. 69). Para ela, o abandono provisório da língua materna ou da “língua mãe” (HUSTON, 1999, p. 51), como diz, em favor do francês, estaria ligado a uma busca de sentido em razão do abandono por parte de sua mãe quando tinha seis anos: “é por isso que me tornei escritora, porque havia em minha vida algo de incompreensível que demandava um imenso e eterno esforço de imaginação para tentar compreendê-lo” (HUSTON, 2001b, p. 35). “Minha salvação”, diz em um artigo intitulado *En français dans le texte*, “passava pela mudança de língua” (HUSTON, 1995, p. 264). No ensaio da coletânea sobre a literatura-mundo, ela afirma ainda:

Posso dizer com Cioran que a língua francesa me acalmou “como uma camisa-de-força acalma um louco. Ela agiu como uma disciplina imposta do exterior, tendo finalmente sobre mim um efeito positivo. Ao me coagir, ao me impedir de exagerar o tempo todo, ela me salvou”. (HUSTON, 2007, p. 154).

Escrever em uma língua estrangeira, para Nancy Huston, tem uma função libertadora, que resume nas seguintes palavras: “língua estrangeira, nova identidade” (HUSTON, 1995, p. 265). Em *Journal de la création*, em que associa a língua materna à matéria (“língua *mater-matéria*”, HUSTON, 1990, p. 275, em itálico no texto), em oposição ao espírito ou ao princípio masculino, escreve também:

E eu? O que proclamo eu ao escolher para a escrita uma terra e uma língua estrangeiras – senão que sou [...] “minha própria causa e meu próprio fim”, capaz de me re-colocar no mundo através da arte, dando à luz a mim mesma, me desembaraçando de todos os determinismos herdados de meus genitores (Ibidem, p. 163-164).

Para muitos artistas ou escritores que tiveram “mães mortas”, a busca de um sentido perdido, como resposta ao desinvestimento massivo da mãe, vivido também pela criança como perda de si, pode favorecer a atividade imaginativa e a sublimação das pulsões na criatividade (ver KELLEY-LAINÉ, 2002).

Julia Kristeva, a quem se refere Nancy Huston, como vimos anteriormente, também teoriza a relação das mulheres com a criação artística ligada à imagem materna. A romancista cita a teórica para quem tudo acontece “como se uma mulher, na competição interminável com sua mãe, tivesse necessidade, para desafiar essa mãe que a coloca em perigo nas rivalidades de identidade, de afirmar uma outra língua” (HUSTON, 1995, p. 77). Em uma entrevista sobre as mulheres e a arte, relatada por Nancy Huston, Julia Kristeva declara: “Pode-se pensar [...] que, para uma mulher, essa morte, que está por trás de toda criação artística, toda mudança de forma e de linguagem, supõe um confronto daquilo que garante a identidade de maneira arcaica e genética, a imagem materna” (HUSTON, 1995, p. 75). Nesse contexto, no que concerne ao aporte psicanalítico, a passagem de uma língua a outra seria representada e vivida por toda mulher escritora e pela própria Nancy Huston como inscrita necessariamente em uma problemática de gênero. Em *Estrangeiros para nós mesmos* (*Étrangers à nous-mêmes*), Julia Kristeva escreve que a aquisição da nova língua confere uma nova identidade “sublime” (“nova pele, novo sexo”), subentendendo a do homem (KRISTEVA, 1988, p. 27).

Ilona Sigrist, em um artigo intitulado *The Stakes of Self-Translation in Nancy Huston’s Dolce Agonia and Instruments des ténèbres*, analisa as microestratégias linguísticas nas versões inglesa e francesa e constata uma diferença no tom dos romances:

Essas diferenças ocorrem com frequência nas representações de corpo e voz, e a variação do efeito cômico parece sinalizar o topos da relação do corpo para a voz, ou do próprio falante como um lugar de desconforto. Pelo uso de outra língua, entretanto, e particularmente nessa relação de contraponto e de contestação com a língua mãe, Huston parece ter encontrado um caminho para contornar o tabu que pode atingir a mulher artista. (SIGRIST, 2009, p. 1).<sup>10</sup>

Segundo Ilona Sigrist, Nancy Huston adotaria uma atitude que ela qualifica de mais “defensiva” no que diz respeito ao corpo e ao corpo materno (tematizado em particular em *Dolce Agonia*) quando ela escreve em inglês, sua língua materna. A psicanálise ensina que o desinvestimento radical da mãe sofrido na infância deixaria marcas no inconsciente. Haveria

nisso um luto impossível a ser feito? É o que deixaria entender a própria Nancy Huston a respeito de sua prática de auto-tradução, em uma passagem de *Traduttore non è traditore*, que é a tradução fiel de um texto intitulado *Healing the Split*, publicado em Montreal em 2001 na *L'it (News & Views from infinitheatre)*:

É uma experiência desgastante e frustrante, de irritação [...] contra as próprias línguas, por serem tão relutantes em cooperar e se assemelhar, por recusarem obstinadamente a se comunicar entre elas, por se dissolverem umas nas outras. Do mais, certos dias, os dias em que dou para terapia de casal, o que acontece até com os melhores dentre nós, penso que talvez, no fundo, seja isso: uma história de casamento, sim, como se eu fizesse incansavelmente o leva e traz entre mamãe e papai [...], me esforçando para explicar mamãe para papai e papai para mamãe, escutem, escutem, não parece, mas de fato vocês dizem exatamente a mesma coisa, escutem, vocês são compatíveis, fiquem juntos, não rompam, não se separem, não fracassem ao fracassar seu casamento, [...] – e talvez, também, uma tentativa de curar meu país, porque esse abismo profundo entre anglófonos e francófonos é ridículo. (HUSTON, 2007, p. 157-159).

Em uma conferência em março de 1994, na Universidade de Montreal, intitulada *Pour un patriotisme de l'ambiguïté*, no âmbito de encontros que propunham reflexões sobre a desordem das identidades e a movimentação cultural que caracteriza nossa época, Nancy Huston se propõe a retrazar uma viagem às origens. Ela volta então à questão da identidade, dessa vez, nacional: “frequentemente, acho difícil – desconcertante, desestruturador – não coincidir verdadeiramente com nenhuma identidade e, ao mesmo tempo, digo a mim mesma que é essa coexistência desconfortável em mim de duas línguas e de duas maneiras de ser, que me torna mais profundamente *canadense*” (HUSTON, 1995, p. 38, em itálico no texto).

O exílio abre, assim, para ela, a questão da identidade pessoal e das identidades múltiplas (linguística, sexual, nacional ou política), de tal maneira que as identidades dos autores e tradutores podem igualmente se embaralhar e se confundir. Também Carolyn Shread, retomando a célebre frase de Rimbaud “eu é um outro”, afirma acerca do caso de Nancy Huston: “Sugiro que mesmo na instância da auto-tradução estamos preocupados com a multiplicidade na autoria” (SHREAD, 2009, p. 61).<sup>11</sup> Traduzindo suas próprias obras, Nancy Huston as expande (segundo a etimologia da palavra *auctor*), amplifica-as, em um gesto que impõe duplamente um ato de autoridade.

## 5. Conclusão

Gostaríamos, para concluir, de retomar a afirmação segundo a qual o escritor traduz e a ideia da tradução como ampliação do horizonte de uma língua e como interpretação do mundo.

Escrevo na língua que querem falar meus personagens, escrevo as histórias que querem me contar, traduzo da melhor maneira possível em palavras, cenas, diálogos e intrigas. Ao lê-los, cada um de meus leitores os traduz de novo para sua língua, ou melhor, suas línguas, aquelas que eles reconhecem, aquelas que os ajudam a viver e a compreender o que vivem. (HUSTON, 2007, p. 154-155).

Em busca de sentido, o ser humano, para Nancy Huston, é engajado em um trabalho infinito de tradução, de tal modo que é toda a experiência humana que se inscreveria nos termos de um paradigma da tradução. Rada Ivekovic também nos convida a imaginar a tradução “como condição originária, ou melhor, como condição simplesmente. Não de um lugar, mas de um gesto de origem” (IVEKOVIC, 2002, p. 121). Em um texto inédito intitulado *De la traduction comme “condition humaine”*, George Steiner escreve ainda que “todo ato de linguagem é uma tradução” (STEINER, 2006, p. 41). Se por um lado, ele afirma que toda pesquisa séria sobre tradução é necessariamente “*descritiva*”, por outro, insiste sobre o fato de que é necessário partir dos relatos de experiência dos tradutores ou dos auto-tradutores, tais como Beckett e Nabokov (Idem, p. 43, em itálico no texto).

Traduzir significa ao mesmo tempo compreender e interpretar e, na história ocidental, na França em particular, o elo entre os dois significados, interpretação e tradução, não cessou de ressurgir nas práticas da tradução, como ilustra o sucesso das belas infieis nos séculos XVII e XVIII. Desde o Renascimento, a atividade literária caminha lado a lado com uma atividade de tradução ligada à transmissão de obras da cultura clássica, o *translatio studii*, que designa o deslocamento do saber grego, latino, depois cristão. Desde suas origens, conseqüentemente, a literatura francesa está ligada ao ato de traduzir. A tradução é desde então suscetível de ser apreciada como uma “traição”, de acordo com a máxima italiana *traduttore traditore*, ou, ao contrário, como a própria essência da tradição, como atestam Heidegger e Hans-Georg Gadamer. Assim, afirma Rada Ivekovic: “a cultura é imediatamente uma tradução, mesmo no interior de uma única língua” (IVEKOVIC, 2002, p. 124). Em um texto intitulado *Écrire dans la langue de l'autre*, a escritora argelina de expressão francesa, Assia Djebar, afirma que, para um autor recém-chegado na língua, “sem a hereditariedade cultural que ela veicula”, como ela diz, “escrever na língua do outro é frequentemente trazer,

fazer perceber ‘o outro’ de toda língua, seu poder de alteridade” (DJEBAR, 1999, p. 46). Ao confundir língua materna e língua estrangeira, a prática da auto-tradução de Nancy Huston coloca necessariamente em jogo questões de identidade e alteridade. Essa escrita entre o francês e o inglês interroga igualmente as relações entre produção e reprodução que instauram, como vimos, relações de poder ligadas ao gênero.

Além da alternativa fidelidade contra traição, é a pluralidade humana em todas as suas formas que se impõe a nós no entre-duas-línguas de Nancy Huston. É por essa razão que ela escreve no ensaio sobre a literatura-mundo intitulado *Traduttore non è traditore*: “traduzir não é somente não trair, é uma esperança para a humanidade” (HUSTON, 2007, p. 160). A essência da tradução se situaria na dimensão de realização do ser humano e se apresentaria para ela, enquanto mulher que reflete sobre as condições de uma relação feminina com a escrita, como um espaço de liberdade.

## 6. Referências

ARGAND, Catherine. Nancy Huston. *Lire*, n. 293, p. 31-35, 2001.

CASSIN, Barbara. (Ed.). *Vocabulaire européen des philosophies : Dictionnaire des intraduisibles*. Paris: Éditions du Seuil, Dictionnaire Le Robert, 2004.

CHAMBERLAIN, Lori. (2000). Gender and the Metaphorics of Translation. In: VENUTI, Lawrence. (Ed.). *The Translation Studies Reader*. New York: Routledge, 2004. p. 306-321.

CHARDON, Elisabeth. Nancy Huston et Sacha Todorov sans masques. *Le Temps*, Geneva, p. 33, 21 fev. 2008.

CHOLLET, Mona. « *Je suis, donc je pense* » : la révolution copernicienne de Nancy Huston. Disponível em: <<http://www.peripheries.net/article254.html>>. Acesso em: 16 jul. 2009.

COLLIN, Françoise. *Le Différend des sexes*. Paris: Éditions Pleins Feux, 1999.

COURTIVRON, Isabelle. (Ed.). *Lives in Translation: Bilingual Writers on Identity and Creativity*. Palgrave Macmillan, 2003.

DJEBAR, Assia. Écrire dans la langue de l’autre. In: \_\_\_\_\_. *Ces voix qui m’assiègent : En marge de ma francophonie*. Paris: Albin Michel, 1999.

ENRIGHT, Anne. *Le Choc de la maternité*. Traduzido por: Chloé Baker, prefácio de Nancy Huston. Paris: Actes Sud, 2008.

HUSTON, Nancy. *Lettres parisiennes : Autopsie de l’exil, correspondance entre Nancy Huston et Leïla Sebbar*. Paris: Éditions J’ai lu 5394. 1986a.

\_\_\_\_\_. Le féminisme face aux valeurs éternelles. *La Vie en rose*, Montréal, n. 34, p. 28-30, 1986b.

\_\_\_\_\_. *Journal de la création*. Paris: Actes Sud, 1990.

\_\_\_\_\_. *Cantique des plaines*. Paris: Actes Sud, 1993a.

\_\_\_\_\_. *Une enfance d'ailleurs, 17 écrivains racontent*. In: \_\_\_\_\_.; SEBBAR, Leïla. (Eds.). Paris: Éditions J'ai lu 6247, 1993b.

\_\_\_\_\_. *Plainsong*. Toronto: HarperPerennial, 1994.

\_\_\_\_\_. *Désirs et réalités : Textes choisis 1978-1994*. Paris: Actes Sud, 1995.

\_\_\_\_\_. *Limbes/Limbo : un hommage à Samuel Beckett, édition bilingue*. Paris: Actes Sud, 1998.

\_\_\_\_\_. *Nord perdu suivi de Douze France*. Paris: Actes Sud/Leméac, 1999.

\_\_\_\_\_. *Dolce Agonia*. Paris: Actes Sud, 2001a.

\_\_\_\_\_. Healing the Split. *l'it, News & Views from infinitheatre*, Montréal, v. 2, n. 3, p. 3, 2001b.

\_\_\_\_\_. *Dolce Agonia*. Londres: Chatto & Windus, 2002.

\_\_\_\_\_. The Mask and the Pen. In: COURTIVRON, Isabelle. (Ed.). *Lives in Translation: Bilingual Writers on Identity and Creativity*. New York: Palgrave Macmillan, 2003. p. 55-68.

\_\_\_\_\_. Traduttore non è traditore. In: LE BRIS, Michel; ROUAUD, Jean. (Eds.). *Pour une littérature-monde*. Paris: Éditions Gallimard, 2007. p. 151-160.

IVEKOVIC, Rada. De la traduction permanente (Nous sommes en traduction)/On Permanent Translation (We are in Translation). *Transeuropéennes : Traduire entre les cultures/Translating Between Cultures*, n. 22, p. 121-143, 2002.

KELLEY-LAINE, Kathleen. Peter Pan, la mère morte et la création du double pathologique . *Imaginaire & Inconscient*, p. 87-96, 2002. Disponível em: <[http://www.cairn.info/article.php?ID\\_REVUE=IMIN&ID\\_NUMPUBLIE=IMIN\\_007&ID\\_ARTICLE=IMIN\\_007\\_0087](http://www.cairn.info/article.php?ID_REVUE=IMIN&ID_NUMPUBLIE=IMIN_007&ID_ARTICLE=IMIN_007_0087)>. Acesso em: 16 jul. 2009.

KLEIN-LATAUD, Christine. Les voix parallèles de Nancy Huston. *TTR, Traduction, Terminologie, Rédaction*, Montréal, v. 9, n. 1, Montréal, Université Concordia, p. 211-231, 1996. Disponível em: <<http://id.erudit.org/iderudit/037245ar>>. Acesso em: 16 jul. 2009.

KRISTEVA, Julia. *Étrangers à nous-mêmes*. Paris: Librairie Fayard, 1988.



LAZARRE, Jane. *Splendeur (et misères) de la maternité*. Tradução e prefácio por: Nancy Huston. La Tour d'Aigues: Éditions de l'Aube, 2001.

LIVRESSE. *Cette plume anglophone qui écrit en français : Une Canadienne à Paris, or is she?* Disponível em: <<http://www.livresse.com/Auteurs/huston-nancy-010226.shtml>>. Acesso em: 16 jul. 2009.

LOTBINIERE-HARWOOD, Susanne. *Re-belle et infidèle : La traduction comme pratique de réécriture au féminin*. The Body Bilingual, Translation as a Re-writing in the Feminine, Montréal: Les Éditions du remue-ménage/Women's Press, 1991.

RICOEUR, Paul. *Sur la traduction*. Paris: Bayard, 2004.

SARDIN, Pascale. Nancy Huston: l'exil, ce "fantasme qui permet d'écrire". In: DE VRIES, Esther Heboyan. (Ed.). *Exil à la frontière des langues* Arras: Artois Presses Université, 2001. p. 9-20.

\_\_\_\_\_. Au nom de la mère, de la fille et de la Mort : de la création au féminin ou la nouvelle trinité féministe selon Nancy Huston. In: CAMUS, Marianne. (Ed.). *Création au féminin*, v. 1. Dijon: Éditions Universitaires de Dijon, 2006. p. 67-76.

\_\_\_\_\_. Samuel Beckett/Nancy Huston ou le bilinguisme de malentendus en contrefaçons : deux expériences similaires ? In: GASQUET, Axel; SUAREZ, Modesta. *Écrivains multilingues et écritures métisses: L'hospitalité des langues*. Clermont-Ferrand: Presses universitaires Blaise Pascal, 2007. p. 257-269.

SCOTT, Joan. Genre : une catégorie utile d'analyse historique. *Les Cahiers du Griffon* 37/38. Paris: Éditions Tierce, 1988. p. 125-153.

SHREAD, Carolyn. Redefining Translation through Self-Translation: the Case of Nancy Huston. *FLS*, Amsterdam, v. XXXVI, p. 51-66, 2009.

SIGRIST, Ilona. The Stakes of Self-Translation in Nancy Huston's *Dolce Agonia* and *Instruments des ténèbres*. In: FIDECARO, Agnese; PARTZSCH, Henriette; DIJK, Suzan; COSSY, Valérie (Eds.). *Femmes écrivains à la croisée des langues / Women Writers at the Crossroads of Languages, 1700-2000*. Genebra: MétisPresses, 2009.

SIMON, Sherry. *Gender in Translation*. Londres: Routledge, 1996.

STAROBINSKI, Jean. La littérature et l'irrationnel. *Cahiers roumains d'études littéraires*, Bucarest, 1974.

STEINER, George. *After Babel: Aspects of Language and Translation*. New York: Oxford University Press, 1975.

\_\_\_\_\_. De la traduction comme "condition humaine". *Le magazine littéraire*, n. 454, p. 41-43, 2006.

WILHELM, Jane. Autour de Limbes/Limbo : un hommage à Samuel Beckett de Nancy Huston. *Palimpsestes*, Paris, n. 18, p. 59-85, 2006.

**RECEBIDO EM:** 31 de julho de 2017

**ACEITO EM:** 08 de novembro de 2017

**PUBLICADO EM:** dezembro de 2017

---

<sup>1</sup> N. de T.: Texto originalmente publicado em WILHELM, Jane Elisabeth. *Écrire entre les langues : traduction et genre chez Nancy Huston. Palimpsestes*, v. 22, p. 205-224, 2009. Disponível em: <<https://palimpsestes.revues.org/207>>. A tradução e a publicação deste artigo foram gentilmente autorizadas pela autora, Profa. Dra. Jane Elisabeth Wilhelm, por e-mail, em 30 de abril de 2017, e pela diretora de publicação da revista *Palimpsestes*, Christine Raguét, também por e-mail, em 10 de maio de 2017.

\* Jane Elisabeth WILHELM. Doutora em Literatura Comparada pela Université de Montréal, Canadá. Foi bolsista do programa *Marie Curie Fellow* na *Université de la Sorbonne Nouvelle – Paris 3* e atualmente é professora na *Université de Genève*, Suíça. Ensinou tradução, literatura, língua e cultura francesas em várias universidades no Canadá e na Suíça e também no programa internacional da *Boston University* em Genebra. Suas pesquisas compreendem história e teorias da tradução; hermenêutica e epistemologia relacionadas à tradução; teoria literária; tradução literária e gênero e tradução. Publicou diversos artigos tanto em revistas especializadas, quanto em obras coletivas. Genebra, Suíça.

E-mail: janewilhelm@bluewin.ch

\*\* Pâmela Berton COSTA. Mestranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista ‘Júlio de Mesquita Filho’ (Unesp), bolsista CAPES. Bacharel em Letras com habilitação em Tradução (2015) pela mesma universidade. Graduada em Comunicação Social (2009) pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6214788356866084> E-mail: pamelaberton@gmail.com

\*\*\* Maria Angélica DEÂNGELI. Doutora em Letras (2010) pela Universidade Estadual Paulista ‘Júlio de Mesquita Filho’ (Unesp). Mestre em Didactologie des Langues et Cultures pela Université de La Sorbonne Nouvelle Paris III, França. Bacharel em Letras com Habilitação em Tradutor (1990) pela Unesp. Professora do Departamento de Letras Modernas na UNESP, Câmpus de São José do Rio Preto. São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3428288938857306> E-mail: deangeli@ibilce.unesp.br

<sup>2</sup> N. de T.: As referências ao ano e às páginas das obras citadas foram mantidas de acordo com o original, ou seja, remetem às publicações consultadas pela autora.

<sup>3</sup> N. de T.: Todos os trechos citados em inglês no original foram traduzidos por nós e estão ao final desta tradução: *For les belles infidèles, fidelity is defined by an implicit contract between translation (as woman) and original (as husband, father, or author).*

<sup>4</sup> N. de T.: *The coding of production and reproduction marks the former as a more valuable activity by reference to the division of labor established for the marketplace, which privileges male activity and pays accordingly. The transformation of translation from a reproductive activity into a productive one, from a secondary work into an original work, indicates the coding of translation rights as property rights – signs of riches, signs of power. I would further argue that the reason translation is so overcoded, so overregulated, is that it threatens to erase the difference between production and reproduction which is essential to the establishment of power.*

<sup>5</sup> N. de T.: *The problem, of course, is that languages are not only languages. They are worldviews – and therefore, to a great extent, untranslatable...*

<sup>6</sup> N. de T.: *Language is fascist: it forces you to specify. What sex. (Oooh-la-la !) What tense. The present is very tense.*

<sup>7</sup> N. de T.: *Here we go again—on our high horse! Marching forth triumphantly, trumpets and drums, strumpets and bums, dazzling glory! All the king’s horses and all the king’s men, and so and so forth, forever, amen.*

<sup>8</sup> N. de T.: No texto em francês, Nancy Huston escreve: *“Et voilà, c’est reparti : monte sur tes grands chevaux ! Et en avant, taratata, marche triomphale, trompettes et tambours, tapettes et trimards, la gloire éclatante, aux grands hommes la patrie reconnaissante, sans oublier les petites femmes naturellement, et patati, et patata, et patate tout court, amen”*. Em ambas as línguas (inglês e francês), há o uso de uma expressão com a palavra

---

“cavalo” que remete tanto ao animal, quanto à arrogância. Em inglês, a expressão consagrada “*high horse*” significa não só “cavalo alto” como “atitude de superioridade arrogante”. Em francês, “*monter sur ses grands chevaux*” faz referência a essas mesmas ideias de cavalos grandes e também arrogância. Além disso, a expressão “*grand cheval*” pode ser entendida como “mulher grande de aspecto masculino”. No contexto sobre a discussão de gênero em que Nancy Huston se insere, utilizar a expressão “*monter sur ses grands chevaux*” pode acionar ambos significados. Em português, não encontramos uma solução que oferecesse essas várias leituras a partir de uma expressão com o animal “cavalo”.

<sup>9</sup> N. de T.: *A profound ambivalence about the role of maternity—ranging from the condemnation of les belles infidèles to the adulation accorded to the “mother tongue.*

<sup>10</sup> N. de T.: *These differences often occur around representations of body and voice, and the variability of comic effect seems to signal the topos of the relation of body to voice or speaking self as a site of unease. [...] Through the use of the other tongue, however, and particularly in its contrapuntal and contestory relation with the mother tongue, Huston seems to have found a way to get around the taboo that may strike the woman artist.*

<sup>11</sup> N. de T.: *I suggest that even in the instance of self-translation we are concerned with multiplicity in authorship.*